

**PRIMEIRO
FESTIVAL
DE CINEMA
DO RECIFE**

IMPRESA UNIVERSITARIA



I FESTIVAL DE CINEMA DO RECIFE

O Recife não é mais apenas Carnaval, com seus blocos de frevo, blocos de rua, maracatus, caboclinhos e escolas de samba. A I Festa de Natal da Cidade do Recife, realizada o ano passado, iniciou a mobilização dos reizados, os pastoris, fandangos e bumba-meu-boi. Há pouco, a I Festa de São João do Recife, que reuniu nas terras de Arraial do Bom Jesus, desde as vésperas de São João até São Pedro, milhares e milhares de pessoas, começou o processo de revitalização do folclore, das cirandas, dos côcos, das bandeiras de São João, das quadrilhas, dos desafios de seus violeiros e trovadores.

O Recife institucionaliza suas festas. Mobiliza seus conjuntos folclóricos. Organiza seu calendário turístico.

O I Festival de Cinema do Recife, que se repetirá anualmente, se enquadra nesta política cultural mais larga. Deflagra todo um plano, que vem sendo elaborado, cuidadosamente, pela Prefeitura do Recife e Movimento de Cultura Popular. E que visa, acima de tudo, preservar o Cinema, como criação e arte. E colocá-lo, enfim, a serviço da educação e da cultura.

GERMANO COELHO

Diretor do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife.

O que faz a grandeza do cinema é que, sendo uma soma, representa por sua vez, uma síntese de tôdas as outras artes.

1.º Programa — 28-8

OS LUMIÈRE

Paris, 14, Boulevard des Capucines, próximo à Ópera, centro mais elegante da capital; Grand café, sub-solo, Salon Indien. Sábado à tarde do dia 28 de dezembro de 1895. Deu-se aí a primeira exibição pública de fotografia animada: os Lumière apresentaram o seu Cinématographe.

A única contribuição propriamente cinematográfica, além das invenções e pesquisas científicas, que os irmãos Lumière realizaram, foi a qualidade fotográfica conseguida. O que fica de realmente positivo e que justifica plenamente as placas comemorativas, atualmente no Boulevard de Capucines, é o fato dos Lumière terem levado o cinema à tela, para um público que buscava e pagava por um espetáculo.

Será exibido um documentário sobre os irmãos Lumière, com trechos de seus filmes.

MÉLIÈS

Le magicien (1898)

L'homme à la tête de caoutchouc (1900)

Le voyage dans la lune (1902)

Le royaume des fées (1903)

Hallucinations du Baron de Munchausen (1911)

Le chevalier des neiges (1913)

Excetuados alguns tímidos precursores, foi Méliès quem tirou o cinema da trilha puramente documentária de atualidades onde os Lumière o tinham colocado ao nascer.

Georges Méliès estabeleceu a mais importante e vital modificação no cinema. Conseguindo libertá-lo do estéril destino que sua utilização como curiosidade científica parecia condená-lo para sempre, orientou-o para o lado da criação pura, ao mesmo tempo que introduzia na vida moderna o Espetáculo Cinematográfico. Entre 1897 e 1908 Méliès produziu centenas de filmes, em geral curtos, existindo porém alguns dentre eles de mais de mil metros. A maior parte dessas obras foi perdida. Os filmes de Méliès aparecem para a sensibilidade moderna como exemplos de um estilo de arte primitiva extremamente poética e rica em fantasia.

Quanto à técnica cinematográfica em si, a sua principal contribuição foi a da trucagem. Dando livre curso à sua fabulosa capacidade inventiva, descobriu os mais variados truques. Nesse sentido sua programação foi tal, que em pouco tempo criou todos os processos de trucagens e com o correr dos anos enriqueceria o cinema com invenções contínuas, moldando desde então as mais variadas formas do recente meio de expressão artística. Comemora-se este ano, o centenário de nascimento de Georges Méliès.

2.º Programa — 29-8

PRIMITIVOS

Atualidades Reconstituídas:

L'assassinat du Duc de Guise

As atualidades reconstituídas foram uma especialidade Pathé. Zecca dirigiu ou supervisionou este filme. Duração: 1 minuto.

Realismo:

Les Victimes de L'Alcoolisme (1901) de Zecca e Bretteau (Pathé)

Os décors desprovidos de toda fantasia, são excelentes. Duração: 5 minutos.

Melodrama:

Un drame à Venise

Este filme, de Pathé, é uma obra prima de seu tempo. Um nobre, como um rei de baralho, da época dos duques; sua esposa, enamorada de um trovador; a entrada deste por uma janela, trepando pelo muro do palácio, que bamboleia com seu péso; o marido os surpreende e joga o amante por uma janela; precipita-se logo sobre a infiel, punhal na mão, porém cai de joelhos, deslumbrado. A bela abriu sua túnica e se mostra em toda sua beleza, com colares, cintos e, pintado no ventre, um desses corações, com uma seta, que os enamorados gravam nas árvores. Olhando o cavalheiro, rendido a seus pés, faz um gesto entre orgulhoso e depreciativo que quer dizer: "Que vamos fazer, se sou assim formosa..." É o gesto mais absurdo que se fez na tela. Duração: 9 minutos.

A Lógica absurda:

ONÈSIME HORLOGER (1908) de Jean Durand, com Bourbon (Gaumont)

É a acelerada vida de Paris: em 40 segundos um par se casa e tem um filho que chega a homem. A clareza de imaginação de um Durant, sua jovialidade, sua excentricidade, imperturbavelmente lógica, deriva dos perióticos infantis ou das ilustrações cômicas. Porém seu sentido do ritmo, sua ironia, sua precisão de relojoeiro, anunciam René Clair. Duração: 6 minutos.

"GAGS" em série:

TEDDY A L'HOTEL

Uma sucessão de gags num excelente ritmo. O jovem Teddy, súbitamente apaixonado por uma moça, provoca no hotel uma hilariante série de distúrbios. Duração: 9 minutos e 30 segundos.

BOIREAU HOMME EN PAIN D'ÉPICES

O herói cômico é, desta vez, um pobre vagabundo. Após uma série de desventuras, Boireau, tornado comestível, acaba na boca de duas meninas. Duração: 8 minutos e 30 segundos.

Desenho animado:

LE RETAPEUR DE CERVELLE (1910) de Émile Cohl (Gaumont). Duração: 3 minutos.

DRAME CHEZ LES FANTOCHES (1909) de Émile Cohl — duração: 3 minutos.

O "desenho animado" teve suas leis assentadas por Émile Cohl, cuja visão excepcional o dotou de propriedades imensas. O desenho Drame chez les Fantoques é uma exemplar obra de Cohl. Seus personagens demarcados por linhas grossas, sem o menor contorno, surgem na tela e passam a evoluir segundo as mais diversas e inesperadas transformações lineares. É impressionante o sintetismo emocional dessas figurinhas.

Film d'arte:

L'ASSASSINAT DU DUC DE GUISE (1908) de Calmettes, com Le Bargy, Lavedan.

A 17 de novembro de 1908 estreiou, com toda pompa, na Sala Charrar, L'assassinat du duc de Guise, dirigido por Le Bargy e Calmettes e interpretado pelo mes-

mo Le Bargy, a bela Gabrielle Robinne, Albert Lambert — no papel do Duc de Guise —, Berthe Bovy, Dieudonné e Rolla Norman, todos atores muito conhecidos. Foi um êxito enorme. Ao sair da estréia, Charles Pathé felicitou os produtores e disse uma frase: "Senhores, vocês são mais fortes que nós". O industrial se inclinava ante a arte. Duração: 13 minutos.

MAX LINDER:

MAX ET L'INAUGURATION DE LA STATUE — Duração: 20 minutos.

MAX ET LA QUINQUINA (1911)

Max Linder foi o 1º grande cômico da tela e até 1914 ele o foi, juntamente com Asta Nielsen e Mary Pickford, um dos 3 maiores atores cinematográficos. Charles Chaplin viu filmes de Max Linder em 1912-1913 e mais tarde declarou que considerava o ator francês como um de seus mestres.

MAX ET LA QUINQUINA é a aventura de Max intoxicado com drogas e em estado delirante. Vai pelas ruas provocando as pessoas e é desafiado sucessivamente por um comissário de polícia, um embaixador e um general, que lhe dão seus respectivos cartões. Continua escandalizando, a polícia o detém e Max dá o cartão do comissário como seu e logo os demais. Os guardas impressionados pela suposta hierarquia, tratam de levá-lo a seu domicílio e o vão metendo, queira ou não, na casa do comissário, do embaixador e na cama com a mulher do general.

3.º Programa — 31-8

Impressionismo

O impressionismo francês não fez mais que agitar um brilhante caleidoscópio. Além de algumas fugas para a vida popular — limitadas às tabernas ou parques de diversões — é muito difícil encontrar nos melhores filmes desta escola um quadro ao menos metafórico da França dessa época.

FIÈVRE (1921)

Direção e cenário: Louis Delluc — Fotografia: Gibory e Lucas — Décors: Becan — Intérpretes: Ève Francis, Gaston Modot, E. Van Daele, Footit, Elena Sagrany, Yvonne Aurel, Solange Rugiens, Noemie Scize, Jeanne Cadiz, Line Chaumont, Barral, Léon Moussinac.

Em FIÈVRE, o drama psicológico e mundano deu lugar ao estudo de um motivo popular. Entre os marinheiros que desembarcavam fumo marselhês, a patroa encontrou seu antigo amante. Daí uma luta, seguida de um assassinato. A apresentação dos personagens e do drama foi um modelo de estilo; não um estilo gratuito dominado pela preocupação de fazer belas frases, mas um estilo concreto, direto, verdadeiro, apropriado ao conteúdo e condicionado por ele. Por este tom, mais ainda que pelo ambiente eleito, Delluc se inscrevia na grande tradição naturalista do cinema francês.

LA SOURIANTE MADAME BEUDET (1922)

Direção e cenário: Germaine Dulac, baseado em uma comédia de Denys Amiel e André Obey — Fotografia: Maurin — Décors: Regie Nevilly e Germaine Dulac — Intérpretes: Germaine Dermoz, Arquillière, Madeleine Guitty, e Jan d'Yd.

A obra prima de Germaine Dulac foi LA SOURIANTE MME. BEUDET. A peça de André Obey, que ela adaptou, era a história de uma mulher incompreendida por um marido detestado e que sonhava matá-lo. No

teatro, o drama não residia no diálogo utilizado como contraponto, mas nos silêncios. Germaine Dulac encontrou ali um assunto que convinha à sua personalidade e à sua sensibilidade. Germaine Dulac, após abrir um caminho para um cinema de acento psicológico e intimista, se despendeu de explorar esta aquisição e passou em seguida a uma nova etapa da vanguarda.

L'ARGENT (1927)

Os defeitos de Marcel L'Herbier em L'ARGENT, alguns anos após a morte de Delluc, puseram em relevo os erros e a quebra das grandes esperanças de 1920. O desprezo do tema havia conduzido a subestimar Zola e a tradição naturalista, uma constante do cinema francês. Modernizou-se uma intriga feita para ambiente de época, adulterou-se a melhor parte da novela: a descrição da sociedade financeira. A bolsa não era já o lugar onde se negociavam os valores (os do cinema como os demais), senão um simples motivo para entretenimentos plásticos. Os cortes feitos neste filme pelo produtor provocaram tanta celeuma quanto as liberdades tomadas pelo cineasta com o escritor, a fim de ajustá-lo ao cinema que ele sempre entendeu como "arte visual". Dêste filme serão exibidos apenas trechos.

4.º Programa — 1-9

O Espírito Novo

ENTR'ACTE (1924)

Direção: René Clair — Cenário: Francis Picabia — Fotografia: Jimmy Berliet — música original: Erik Satie — Assistente: Georges Lacombe — Intérpretes: Jean Borlin, a dançarina Friis, Francis Picabia, Mansay, Marcel Duchamp, Marcel Achard, Pierre Scize, Touchagues, Rolf de Maré, Roger Lebon, Jean Manny Charenso.

"Entr'Acte" é um dos mais célebres e melhores filmes da vanguarda. Foi feito por encomenda do ballet sueco de Rolf Maré, no qual intervinham Man Ray, Erik Satie e Jean Borlin, segundo idéia de Francis Picabia, com música de Satie, para acompanhar a projeção muda. Sua exibição produziu um verdadeiro escândalo porque foi considerado ininteligível, quando realmente tem uma profunda lógica narrativa. Um bêbedo dorme sobre uma mesa onde há copo, uns cigarros, etc. Começam então a passar imagens em liberdade, desconexas, caprichosas. "Entr'Acte" é a mais segura e intelectual representação de um sonho no cinema.

BALLET MÉCANIQUE (1924)

Direção e produção: Fernand Léger — fotografia: Dudley Murphy.

O "Ballet Mécanique", que corresponde exatamente a seu título, é uma dança de objetos e engrenagens, ligados pelo ritmo ou por analogias de formas. A obra não era abstrata. Os objetos, quase sempre reconhecíveis, estão relacionados sobretudo com a vida popular: tiros ao alvo, bolas de vidro prateadas, artigos de bazar, rodas de loteria. Com este filme, Fernand Léger, a quem assistia Dudley Murphy, transporta ao cinema a visão voluntariamente simplificada que caracteriza sua pintura.

LA PETITE LILIE (1927)

Direção: Alberto Cavalcanti — Argumento: Cavalcanti, tirado de uma canção popular — Iluminação: Jimmy Rogers — Cenografia: Erik Aaes — música: Yves de la Casinière (versão muda), Darius Mirius Milhaud (versão sonora) — Intérpretes: Catherine Hesling, Jean Renoir.

Filme burlesco sentimental baseado em uma canção

de arrabalde; história duma pobre moça vítima dos homens.

CINQ MINUTES DE CINEMA PUR

Henri Chomette, irmão de René Clair, de espírito fino, muito inteligente, deixou este filme realizado por volta de 1928, que lhe assegurou um lugar na história do Cinema: um exercício de estilo, puro jogo de luzes e formas sobre cristais e árvores.

UN CHIEN ANDALOU (1929)

Direção: Luis Buñuel e Salvador Dalí — Cenário: Luis Buñuel — Intérpretes: Pierre Batcheff (O homem), Simone Mareuil (a mulher), Grampolini.

"Un chien andalou", foi, com "Entr'acte", obra prima da vanguarda. "Formoso como o encontro de uma guarda-chuva e uma máquina de costura sobre uma mesa de dissecação". Esta frase de Lautréamont se ajusta bem como chave de "Un chien Andalou".

"Un chien Andalou", que não tem sentido alegórico, apela constantemente para a metáfora superrealista: a lua, partida em duas por uma delgada nuvem, se compara, por exemplo, a um olho, o qual conduz à imagem célebre do olho cortado com uma navalha de barbear.

5.º Programa — 4-9

UN CHAPEAU DE PAILLE D'ITALIE (1927)

Direção: René Clair — Cenário: René Clair, baseado na comédia de Eugène Labiche e Marc Michel — Décors: Lazare Meerson — Fotografia: Maurice Desfassiaux e Nicolas Roudakoff — Assistente de direção: Georges Lacombe — Intérpretes: Albert Préjean, Olga Tchekowa, Marise Maia, Yvonneck, Alice Tissot, Alex Bondi, Pré Fils, Vital Geymond, Paul Oliver, Alex Alain, Valbert, Jim Gerald.

Um Chapéu de Palha da Itália é a obra prima de René Clair no cinema mudo. O trabalho de Eugène Labiche, espécie de movimento contínuo do "Vaudeville", serve perfeitamente à concepção cinematográfica de René Clair. Seu ambiente e personagens burgueses são os mais adequados para atrair o melhor de sua sátira.

O assunto de todo o "vaudeville" parte de uma pequena situação inicial, que se vai complicando. Porém em Labiche, mais que complicar-se, o que faz é ir aumentando as possibilidades do movimento; esta é sua inovação.

Um jovem — interpretado por Albert Préjean — que vai casar-se, tem a má sorte de o cavalo de seu coche comer um chapéu de mulher, pendente numa árvore do parque: um chapéu de palha de Itália. A dama — Olga Tchekowa — está acompanhada por um feroz hussardo — Vital Geymond —, que obriga o noivo a procurar outro chapéu igual, com ele vai a honra da senhora, que é casada e engana o marido com o hussardo. Por outra parte, o noivo tem que ir a sua boda naquele momento. Da mescla das duas ações, que o noivo segue simultaneamente, surge o "vaudeville". Primeiro, é o noivo que desaparece de sua boda a cada momento, para procurar desesperadamente um chapéu idêntico. Mas logo acaba por acreditar-se de que o noivo não desapareceu, todo o cortejo nupcial, que corre, sobe, desce, baila, luta, empurrado por aquela força ignorada que é o chapéu de palha de Itália.

6.º Programa — 5-9

GARDIENS DE PHARE

Este filme de Jean Grémillon, com adaptação feita

por Jacques Feyder de uma peça do teatro do "grand-guignol", especializado no fantástico, no burlesco e no horrível, não foi um melodrama mas uma obra forte e clara pelas lições documentais soviéticas e alemãs, onde os dois personagens se movimentam em "dêcor" quase único de uma escada de farol. É a história extraordinária dum homem que, antes de partir para guarnecer um farol, onde ficará isolado com um só companheiro durante um mês, é mordido por um cão raivoso. Este tema é tratado com uma sobriedade exemplar. A técnica perfeita das voltas ao passado, a utilização da luz dentro das escadas e das salas do farol, a excelente seqüência do delírio do doente, as imagens do mar, fazem desse filme uma obra prima do cinema.

7.º Programa — 7-9

LA BÊTE HUMAINE (1938)

Direção: Jean Renoir — Adaptação e diálogos: Jean Renoir, baseado no romance de Émile Zola — Assistente de direção: Claude Renoir — Fotografia: Curt Courant e Claude Renoir Jr. — Música: Joseph Kosma — "Dêcor": Eugène Lurie — Montagem: Marguerite Renoir — Intérpretes: Jean Gabin, Simone Simon, Fernand Ledoux, Carrette, Blanchette Brunoy, Gérard Landry, Berlioz, Marcel Peres, Jean Renoir.

A película descreve a vida dos ferroviários franceses com precisão extrema. A ideologia da obra era um pouco a de Zola, cujo herói, Lantier, é empurrado ao crime por uma herança alcoólica, tão implacável como a fatalidade das tragédias antigas. A objetividade e a exatidão são levadas aqui a seu extremo. Uma obra característica do naturalismo francês.

8.º Programa — 8-9

LES VISITEURS DU SOIR (1942)

Direção: Marcel Carné — Cenário e diálogos: Jacques Prévert e Pierre Laroche — Fotografias: Roger Hubert — Música: Maurice Thiriet — Canções: Kosma — Décors: Georges Wakhevitch — Intérpretes: Alain Cuny, Marie Déa, Arletty, Jules Berry, Fernand Ledoux, Marcel Herrand, P. Labry, R. Blin, Jean d'Yd, Gabriel Gabrio.

"Les visiteurs du soir", é a ilustração clara de uma lenda medieval, correndo como uma "chanson de geste" em ritmo quase musical. A história de dois menestres que, admitidos no castelo de um barão provençal, se revelam emissários do diabo. Este também aparece, mais tarde (e sob os traços do mais satânico de todos os atores franceses da época: Jules Berry), para consertar certos imprevistos, como o amor que surge entre um dos emissários e a filha do barão. Tudo o diabo faz, mas nada — nem a subtração da memória, nem a morte — consegue apagar o amor. O amor todo-poderoso, que se perpetua quando os amantes são transformados em estátuas e na pedra, seus corações continuam a pulsar, desafiando o diabo, exasperando-o, vencendo-o. Para um crítico (Roger-Marc Thérone), o ritmo do filme é voluntariamente lento, "como um cisne num lago". Para René Barjavel, "o sol da Provença substituiu a bruma nórdica e o ar envenenado dos arredores suburbanos". De todos os filmes de Carné, nenhum provocou maiores discussões do que "Les visiteurs du soir".

9.º Programa — 11-9

LE CORBEAU (1943)

Direção: Henri Georges Clouzot — Cenário: Louis

Chavance — Adaptação e diálogos: H. G. Clouzot e Louis Chavance — Fotografia: N. Hayer — Décors: A. Andreyev — Música: Tony Aubin — Intérpretes: Pierre Fresnay, Ginette Leclerc, Larquey, Micheline Francey, Sylvie, Roquevert, R. Blin, Seigner, Palau, Lancret, Brocard, Balpêtre Bertin, Delaire, Liliane Maigne.

Henri-Georges Clouzot realizou em primeiro lugar, em 1942, "L'assassin Habite au 21", filme policial narrado com grande pericícia. Era talvez um exercício, para a realização no ano seguinte, de Le Corbeau, filme de intriga e suspense dos mais engenhosos, jamais feitos e que se tornaria célebre. Este filme é imediatamente proibido, tachado de imoral, cruel e violento...

Sua obra combina os elementos mais densos da literatura série-noire, com uma profunda e sombria observação psicológica feita a partir dos detalhes aparentemente mais insignificantes e superficiais do procedimento dos personagens. Este filme é o retrato dum pequena cidade, onde todos os personagens são os possíveis autores de uma morte. Tenciona mostrar que o bem e o mal existem em cada homem. O diretor, além de influência de Stroheim, Sternberg, Clair, situa-se na linha do naturalismo de antes da guerra e revela-se um extraordinário criador de ambientes.

10.º Programa — 12-9

LES DAMES DU BOIS DE BOULOGNE (1944)

Direção: Robert Bresson — Cenário: Robert Bresson, baseado num capítulo de "Jacques, le fataliste" de Diderot — Diálogos: Jean Cocteau — Fotografia: Philippe Agostini — Décors: Max Douy — Música: J. J. Grunewald — Montagem: Feyte — Cléris — Intérpretes: Maria Casarès, Elina Labourdette, Lucienne Bogaert, Paul Bernard, Jean Marchat.

Os filmes de Robert Bresson, de caráter profundamente literário, desenvolvem uma ação muito mais interior que exterior. Donde os seus silêncios, as suas longas seqüências quase estáticas, em que se agitam entretanto os problemas e as preocupações mais profundas do espírito: a graça divina, as relações humanas com Deus.

Esta fita é com certeza a mais parecida com a tragédia clássica de Racine. A ação se desenvolve quase que unicamente graças a reações em cadeia dos sentimentos dos heróis. Filme dum rigor austero, jansenista na sua vontade de extrema sobriedade, não deixa de comover pelo ardor das paixões; a técnica é dum homem que não para de meditar sobre a sua arte.

11.º Programa — 14-9

VOYAGE SURPRISE (1946)

Direção: Pierre Prévert — Adaptação e diálogos: Jacques Prévert, Claude Accursi e Pierre Prévert, o qual interpreta o papel do diretor do teatro.

É o terceiro e último filme dos irmãos Prévert, Voyage Surprise, superou a sensaboria do segundo (Adieu, Léonard) e não tem a agressividade do primeiro (L'affaire est dans le sac): surrealismo em meio tom, comércio simpático do nonsense, anarquismo discreto. Talvez seja toda a experiência dos Prévert exposta a uma ternura nova. Basta lembrarmos do momento no qual Crieri descobre o mar mediterrâneo.

Uma busca dum tom novo no domínio do cômico.

12.º Programa — 15-9

COPIE CONFORME

Essa fita de Dréville apresenta-se, acima de tudo,

como o festival dum ator. Baseado numa intriga engenhosa, permite ao grande Louis Jouvet, encarregado de três papéis diferentes, mostrar o melhor das suas qualidades. O filme, embora bem feito, não revela uma obra característica do ponto de vista da técnica mas é exemplar como tentativa de valorizar as possibilidades de atuação dum extraordinário artista.

Um filme de grande beleza, com uma interpretação de grande qualidade, de um ator de primeira linha, Louis Jouvet, que se revela como um dos maiores artistas da atualidade. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre.

Um filme de grande beleza, com uma interpretação de grande qualidade, de um ator de primeira linha, Louis Jouvet, que se revela como um dos maiores artistas da atualidade. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre.

Um filme de grande beleza, com uma interpretação de grande qualidade, de um ator de primeira linha, Louis Jouvet, que se revela como um dos maiores artistas da atualidade. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre.

Um filme de grande beleza, com uma interpretação de grande qualidade, de um ator de primeira linha, Louis Jouvet, que se revela como um dos maiores artistas da atualidade. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre.

Um filme de grande beleza, com uma interpretação de grande qualidade, de um ator de primeira linha, Louis Jouvet, que se revela como um dos maiores artistas da atualidade. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre.

Um filme de grande beleza, com uma interpretação de grande qualidade, de um ator de primeira linha, Louis Jouvet, que se revela como um dos maiores artistas da atualidade. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre.

Um filme de grande beleza, com uma interpretação de grande qualidade, de um ator de primeira linha, Louis Jouvet, que se revela como um dos maiores artistas da atualidade. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre.

Um filme de grande beleza, com uma interpretação de grande qualidade, de um ator de primeira linha, Louis Jouvet, que se revela como um dos maiores artistas da atualidade. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre.

Um filme de grande beleza, com uma interpretação de grande qualidade, de um ator de primeira linha, Louis Jouvet, que se revela como um dos maiores artistas da atualidade. O filme é uma obra de arte, uma obra de gênio, uma obra de um grande mestre.

CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS

O Centro de Estudos Cinematográficos, entidade cultural dos estudantes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Recife, foi fundado em 15 de setembro de 1960 e tem como fins promover o conhecimento da arte cinematográfica, propiciar exibições de filmes, estimular a feitura de cenários sobre motivos documentários e trechos de ficção, bem como promover a filmagem daqueles julgados condignos.

Mantém o Centro de Estudos Cinematográficos intercâmbio cultural com a Cinemateca Brasileira, exibindo quinzenalmente filmes cedidos por essa Fundação. Sua biblioteca, funcionando anexa à biblioteca da Faculdade de Arquitetura da U. R. dispõe de cento e vinte livros e revistas que estão à disposição dos universitários e das pessoas interessadas na arte cinematográfica.

É de se destacar a colaboração que o CEC vem recebendo do Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Recife e da Cinemateca Brasileira, entidades sem as quais não seria possível ao Centro de Estudos Cinematográficos realizar as exibições quinzenais de filmes clássicos do cinema, como "O Vento", "O Gabinete do Dr. Caligari", "Outubro" e outros.

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E ORGANIZAÇÃO DÊSTE CATÁLOGO DO CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS DA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO RECIFE

Obras consultadas:

CINE FRANCÊS — Villegas Lopes

Editorial Nova — Buenos Aires —
1947

retrospectiva
do cinema
francês

HISTÓRIA DEL CINE — Vol. 1 — Georges
Sadoul

Ediciones Nueva Vision — Buenos
Aires, 1960

teatro do parque
recife

agosto-setembro
1961

OS GRANDES MOMENTOS DO CINEMA

— filmoteca do Museu de Arte
Moderna de São Paulo, 1954

universidade
do Recife
prefeitura municipal
do Recife
museu
de arte moderna
do rio de janeiro
embaixada
da França

HISTÓRIA DO CINEMA FRANCÊS —

Museu de Arte Moderna do Rio
de Janeiro, Cinemateca — 1959

Sessões às 20,30 horas